



# Xenorracismo e interseccionalidades: um estudo exploratório-descritivo com migrantes africanos(as) no contexto brasileiro

Brunno Ewerton, Mohammed Elhajji e Catalina Revollo Pardo

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Av. Pasteur, 250, 22290-180, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: brunnoewerton1@gmail.com

**RESUMO.** O objetivo desta pesquisa é compreender as dinâmicas do xenorracismo e suas interseccionalidades em relação aos marcadores identitários nas narrativas de migrantes africanos(as) no Brasil. Este estudo é de natureza exploratória-descriptiva e utiliza uma abordagem qualitativa com amostragem não probabilística por conveniência. A metodologia de campo adotada foi a técnica de *snowball*, na qual cada participante indicou o próximo, resultando em uma amostra final de seis migrantes: três homens cisgêneros e três mulheres cisgêneras, oriundos de diferentes nacionalidades africanas e atualmente residentes no Brasil. As entrevistas foram analisadas à luz da Análise Crítica do Discurso (ACD), conforme a abordagem de Fairclough (2013). Os resultados demonstram como categorias identitárias - como raça, gênero, orientação sexual, língua e classe social - influenciam as experiências de discriminação enfrentadas pelos migrantes africanos(as). A partir das auto-narrativas, foram identificadas diversas formas de discriminação em esferas psicossociais distintas, como no ambiente de trabalho, na educação e nas relações interpessoais cotidianas, frequentemente exacerbadas pelos marcadores identitários dos participantes. A pesquisa ressalta que a experiência da discriminação é vivenciada de maneira singular, ilustrando como processos subjetivos interculturais moldam as trajetórias de cada migrante, resultando em um entrelaçamento de categorias identitárias que se manifestam em tapeçarias intersubjetivas. Assim, além de evidenciar os desafios enfrentados por esses migrantes no contexto contemporâneo dos fluxos migratórios no Sul Global, o estudo sublinha a importância de uma análise interseccional para orientar atores sociais, serviços e formuladores de políticas voltadas à comunidade de migrantes africanos(as), visando promover ações equitativas que combatam as violências institucionais e simbólicas que marcam suas trajetórias no Brasil.

**Palavras-chave:** estudos migratórios; psicologia social; discriminação racial; xenofobia; diáspora africana.

## Xenoracism and intersectionalities: an exploratory-descriptive study with African migrants in the Brazilian context

**ABSTRACT.** The objective of this research is to understand the dynamics of xenoracism and its intersectionalities concerning identity markers in the narratives of African migrants in Brazil. This study is exploratory-descriptive in nature and employs a qualitative approach with non-probabilistic convenience sampling. The field methodology adopted was the snowball technique, in which each participant referred the next, resulting in a final sample of six migrants: three cisgender men and three cisgender women, from various African nationalities and currently residing in Brazil. The interviews were analyzed using Critical Discourse Analysis (CDA), following Fairclough's (2013) framework. The results reveal how identity categories - such as race, gender, sexual orientation, language, and social class - shape the discriminatory experiences encountered by African migrants. Through self-narratives, multiple forms of discrimination were identified across distinct psychosocial spheres, including the workplace, education, and daily interpersonal relationships, often intensified by the participants' identity markers. The study highlights that experiences of discrimination are uniquely lived, showcasing how intercultural subjective processes shape each migrant's trajectory, resulting in an intricate interweaving of identity categories that materialize as intersubjective tapestries. In addition, the research underscores the challenges faced by these migrants within the contemporary context of migratory flows in the Global South. It emphasizes the critical role of intersectional analysis in informing social actors, service providers, and policymakers dedicated to the African migrant community. The study advocates for equitable measures to combat the institutional and symbolic violence that permeates their experiences in Brazil.

**Keywords:** migration studies; social psychology; racial discrimination; xenophobia; African diaspora.

Received on December 15, 2024.

Accepted on June 6, 2025.

## Introdução

O Brasil é um país historicamente marcado por dinâmicas de racismo relacionadas à diáspora africana (Santos, 1983; Nascimento, 2016). No campo dos estudos sobre fluxos migratórios, o xenorracismo se refere à interseccionalidade entre raça/etnia e origem nacional, conforme abordado por Sivanandan (1976). Tal discriminação é relatada em estudos interculturais na literatura internacional como Méndez-Fierros e Astudillo (2023) e nacionalmente por Faustino e Oliveira (2022) e Elhajji (2023), que discutem o xenorracismo como um tipo de preconceito interseccional que vulnerabiliza migrantes negros(as) em contextos interculturais, incluindo a educação, o trabalho e as relações interpessoais.

Acerca disto, emergem na literatura estudos que buscam compreender como categorias identitárias podem influenciar as vivências de migrantes africanos(as) em diáspora no contexto brasileiro. Nesse sentido, a pesquisa partiu da seguinte pergunta: como categorias de gênero, orientação sexual, classe social atuam na experiência psicossociológica do xenorracismo para migrantes africanos(as) no país? Partindo disso, a presente pesquisa teve como objetivo compreender as dinâmicas do xenorracismo e suas interseccionalidades em relação aos marcadores identitários nas narrativas de migrantes africanos(as) no Brasil.

Por meio de uma análise psicossociológica, a pesquisa se propõe a explorar as múltiplas facetas das identidades migrantes, ressaltando a necessidade de uma abordagem interseccional e crítica. A seguir será apresentado por meio do referencial um estado da arte sobre a temática.

### Xenorracismo no contexto brasileiro

Partindo da vivência de ser um migrante racializado, Sivanandan (1976) refletiu sobre a presença de xenofobia e racismo em contextos diaspóricos e migratórios, resultado de sua própria vivência como estrangeiro no Reino Unido. Ele cunhou o termo 'xenorracismo' para descrever a fusão desses conceitos. Sua vivência como um 'outro do outro' – um estrangeiro racializado e indesejado em uma sociedade predominantemente branca e colonial – revela a continuidade de estruturas sociais estabelecidas desde a era escravocrata, segundo o autor.

Em pesquisa no contexto brasileiro, Faustino e Oliveira (2022), discutem nos resultados como migrantes negros(as) são alvo de uma dupla discriminação: uma que deriva de sua condição de estrangeiros e outra de suas características fenotípicas, a qual os autores conceituam como xenorracismo. Essa dupla discriminação no contexto brasileiro, como trata os autores, se manifesta em várias esferas da vida cotidiana, exacerbando a vulnerabilidade desses migrantes racializados.

Em estudo realizado no âmbito internacional, Méndez-Fierros e Astudillo (2023) visaram compreender a hospitalidade oferecida a migrantes negros(as) em países como Chile e no México. Nos resultados, os autores trazem que os migrantes negros(as), são frequentemente relegados a empregos precários, mal remunerados e sem proteção trabalhista adequada. A marginalização não se limita apenas ao aspecto econômico; os migrantes negros também enfrentam barreiras significativas no acesso a serviços básicos, como saúde, educação e moradia, o que contribui para sua exclusão social e a perpetuação de condições de vida adversas, segundo os referidos autores.

Para Sivanandan (1976), o xenorracismo é um fenômeno complexo e multifacetado, enraizado tanto na história colonial quanto nas dinâmicas contemporâneas de globalização e migração. Em consonância com isso, segundo Elhajji (2023), embora a xenofobia e o racismo possam ocorrer independentemente, sua combinação cria um ambiente especialmente hostil para os migrantes racializados, principalmente no Brasil.

Segundo Seyferth (2002), historicamente as comunidades de africanos(as) em diáspora no Brasil têm habitado o limiar entre diversas formas de opressão e a preservação de identidades, memórias e práticas ancestrais. No marco do contemporâneo, o fluxo migratório entre Brasil e países africanos se reformulam, como afirmam Patarra e Fernandes (2011):

As trocas migratórias entre Brasil e países africanos são marcadas por acordos multilaterais na área da educação e também por fluxos de migrantes forçados devido aos conflitos que assolam o continente africano nas últimas décadas, principalmente a partir da década de 90 do século XX (Patarra & Fernandes, 2011, p. 76).

Acerca da conceituação de Patarra e Fernandes (2011), dados do Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra), indicam que migrantes africanos(as) representam cerca de 15% do total de migrantes que atualmente vivem no Brasil, destacando-se países como Nigéria, Senegal, Angola, Guiné-Bissau e Cabo Verde (Observatório das Migrações Internacionais [OBMigra], 2022). Acerca disto, como trata

Elhajji (2023), mais do que uma questão numérica, essa presença carrega um impacto simbólico profundo em um contexto no qual os chamados ‘novos imigrantes’ do Sul Global passaram a se estabelecer no país, sobretudo a partir dos anos 2010 e, com isso, tensionar o imaginário colonial da sociedade brasileira.

Neste sentido, o conceito de xenorracismo se alinha ao prisma da interseccionalidade discutido por Crenshaw (1992). Para Crenshaw (1992), quanto maior a intersecção entre marcadores identitários, como gênero, raça, etnia, sexualidade e condição econômica, maior é o risco de exclusão social na sociedade. Embora Crenshaw (1992) não aborde diretamente as questões migratórias, como faz Sivanandan (1976), ela defende que características existenciais e identitárias podem tornar as pessoas mais vulneráveis.

Neste sentido, o xenorracismo não apenas marca os migrantes negros(as) como ‘outros’ indesejados, mas também reforça e perpetua estruturas sociais e econômicas que os mantêm à margem da sociedade. Com base nessas conceituações teóricas, será apresentada a seguir a metodologia desta pesquisa para compreender o xenorracismo na diáspora africana no Brasil.

## Método

A presente pesquisa caracteriza-se por um delineamento de natureza não experimental, com ênfase exploratória e descritiva. Opta-se por adotar uma abordagem qualitativa, centrada na análise dos aspectos semióticos e linguísticos, com foco na interpretação das falas dos participantes. Segundo Gil (2008), estudos qualitativos visam levantar hipóteses e compreender de maneira ilustrativa as percepções e experiências individuais, explorando construtos humanos e fenômenos psicossociais a partir das narrativas fornecidas pelos participantes.

Os instrumentos e procedimentos utilizados nesta pesquisa iniciaram-se com a abordagem de inserção de campo do tipo *snowball*, conforme o prisma de Parker et al. (2019). Nessa abordagem, os participantes iniciais indicam novos colaboradores, formando uma cadeia de contatos que permite a ampliação progressiva da amostra de forma relacional e contextualizada, seguindo a rede dos atores-chave da pesquisa. Tal abordagem foi empregada para ampliar a amostra, mostrando-se eficaz ao explorar as redes de contatos dos próprios migrantes. A pesquisa começou inicialmente com três migrantes africanos(as), abordados em atividades presenciais no Centro de Referência e Atendimento para Imigrantes (CRAI-Rio), sendo apresentado a pesquisa e seus objetivos. Logo após o aceite em participar, e seguindo os procedimentos metodológicos de aplicação dos instrumentos, ao final cada participante indicou cada um(a) um novo participante. Vale ressaltar que atualmente a maioria dos participantes reside em estados diferentes dos que chegaram ao Brasil.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFRJ, sob o CAEE: 81317924.7.0000.5582. Com o consentimento dos participantes, foi enviado de forma virtual um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), em português e inglês, havendo um prévio questionamento de qual idioma o participante compreende melhor para leitura. Posteriormente, foi enviado um questionário sociodemográfico on-line, contendo questões sobre ocupação laboral, renda, idade, gênero, raça e sobre o percurso migratório. As entrevistas semiestruturadas foram realizadas via *Zoom*, gravadas e transcritas, com um total de onze perguntas e duração média de 45 minutos. Conforme elucida Gil (2008), tanto o questionário sociodemográfico quanto o roteiro de entrevistas são instrumentos fundamentais para categorizar perfis e explorar percepções sobre fenômenos psicossociais.

O público deste estudo é composto por seis participantes: três migrantes autoidentificados como cisgênero masculinos e três migrantes cisgênero femininas. Os critérios de inclusão foram: 1) ser migrante transnacional negro(a); 2) ter 18 anos ou mais; 3) residir no Brasil; 4) residir no país há mais de um ano. Os critérios de exclusão foram: 1) ter menos de 18 anos; 2) não ser migrante transnacional de um país africano.

Após as entrevistas, cada participante escolheu um nome fictício para garantir o anonimato e preservar suas identidades e histórias. Essa escolha, realizada pelos próprios migrantes, busca refletir uma conexão com figuras proeminentes em seus países de origem. 1 - Wole Soyinka, de 32 anos, é um homem cisgênero oriundo da Nigéria, com pós-graduação em Economia e atuando como pesquisador no Brasil, onde reside em Curitiba – PR. Sua renda é equivalente a três salários mínimos, e migrou em 2012 por meio de um intercâmbio acadêmico. 2 - Amílcar Cabral, de 35 anos, também é um homem cis da Guiné-Bissau, está cursando pós-graduação em Letras e reside em São Paulo – SP, pesquisador e professor, com renda equivalente a três salários mínimos e migrou em 2010 por intercâmbio acadêmico. 3 - Aminata Touré, uma mulher cis de 27 anos do Senegal, é bacharel em Comunicação Social e atua como jornalista em Salvador, BA, com uma renda de três salários mínimos. Ela migrou para o Brasil em 2022, também por intercâmbio acadêmico.

4 - Yvette Umuhoza, de 36 anos, é uma mulher cis oriunda de Ruanda, bacharel em Marketing e empresária no ramo de moda, residindo em São Paulo – SP, onde possui uma renda de dez salários mínimos. Sua migração ocorreu em 2022, motivada pelo trabalho no setor de roupas. 5 - Djaima Almeida, de 30 anos, também uma mulher cis de Cabo Verde, possui licenciatura em Letras e atua como professora em Belo Horizonte, MG, com uma renda de três salários mínimos. Ela migrou em 2019 por intercâmbio acadêmico. 6 - David Himbara, um homem cis de 50 anos de Ruanda, é licenciado em Pedagogia e professor em São Paulo - SP, com uma renda de dois salários mínimos. Ele migrou para o Brasil em 2003 em busca de refúgio por questões humanitárias.

As entrevistas transcritas foram analisadas por meio da Análise Crítica do Discurso (ACD), conforme descrito por Fairclough (2013). Essa abordagem não se limita ao conteúdo explícito das falas, mas também considera os contextos sociais, históricos e políticos que influenciam e são moldados pelos discursos. Segundo Fairclough (2013), a ACD aplicada à pesquisa social visa evidenciar como diferentes formas de linguagem legitimam certas perspectivas e influenciam os processos de identificação e subjetivação nas interações sociais.

A análise das entrevistas, conforme os métodos propostos por Fairclough (2013), é realizada em etapas estruturadas. O primeiro passo consiste na transcrição completa das falas dos participantes, incluindo pausas e elementos não verbais relevantes para a interpretação. Em seguida, a análise textual foca na escolha de palavras, nas estruturas gramaticais e metáforas utilizadas pelos entrevistados, buscando identificar padrões que revelem suas identidades e posições sociais. O terceiro estágio envolve a análise das práticas socioculturais, cujas entrevistas são contextualizadas em relação às dinâmicas de poder e ideologias predominantes, considerando o contexto intercultural, político e institucional que moldou as narrativas apresentadas.

Na quarta fase, é feita a identificação de padrões e contradições nos discursos, observando tanto aqueles que reforçam normas sociais e ideológicas quanto as contradições que podem indicar tensões nas práticas discursivas. Por fim, a interpretação crítica e reflexiva dos resultados é realizada à luz de teorias sociais, organizando as falas dos participantes em categorias discursivas que agrupam seus significados.

## Resultados e discussão

De acordo com a ACD proposta por Fairclough (2013), as ‘Categorias’ organizam as diversas temáticas que emergem dos relatos dos participantes, enquanto os ‘Eixos Discursivos’ analisam as maneiras pelas quais as narrativas foram elaboradas nas falas dos entrevistados. Essa estrutura permite uma compreensão mais profunda das dinâmicas discursivas presentes nas entrevistas, como demonstrado na Tabela 1.

**Tabela 1.** Resultados da análise das entrevistas.

Categoria	Eixo Discursivo
1 - Percepção e Vivências como Migrante Africano(a) no Brasil	1.1 Experiências de Xenorracismo e suas Interseccionalidades.

Fonte: Dados da pesquisa elaborada pelos pesquisadores(as).

Os resultados expostos na Tabela 1 revelam uma complexa inter-relação das características identitárias dos migrantes africanos(as) no Brasil, apresentando uma rica tapeçaria intercultural que retrata suas vivências no contexto das migrações Sul-Sul. Para organizar e aprofundar a discussão, a Categoria e o Eixo Discursivo listados na Tabela 1 serão analisados individualmente, permitindo uma leitura mais detalhada de cada tema, com destaque para as nuances presentes nas experiências compartilhadas pelos participantes.

### Percepção e vivências como migrante africano(a) no Brasil

O processo migratório transnacional envolve o deslocamento de pessoas entre diferentes países, motivado por uma série de fatores, como questões econômicas, sociais, políticas e subjetivas, entre outros (Elhajji, 2023). No Brasil, historicamente, como elucida Elhajji (2023) e Patarra e Fernandes (2011), a migração sempre desempenhou um papel central na constituição da sociedade, desde os fluxos de europeus no século XIX até os migrantes contemporâneos, oriundos de países africanos, latinos e caribenhos.

Atualmente, dados do Relatório Anual de Migração do OBMigra, em recorte entre os anos de 2010 e 2020, o Brasil viu um aumento substancial na chegada de migrantes de países como Senegal, Angola, Nigéria, Ruanda e República Democrática do Congo (OBMigra, 2020). Em termos de números absolutos, segundo a OBMigra, foram registrados cerca de 30.000 migrantes africanos(as) vivendo no Brasil, com o Senegal sendo o país africano com maior representação. Entretanto, há poucas fontes de dados estatísticos mais

detalhados sobre o fluxo migratório de nações africanas, havendo uma lacuna sobre o aspecto quantitativo e detalhado das características de cada comunidade com base em sua origem nacional.

### **Experiências de xenorracismo e suas interseccionalidades**

Este eixo busca explorar as experiências interculturais dos participantes deste estudo, evidenciadas por meio da narração de vivências de xenorracismo. Neste sentido, conforme definido por Sivanandan (1976), o conjunto dessas experiências constitui-se como uma forma de discriminação que combina preconceitos relacionados a categorias identitárias, afetando migrantes racializados com base em seus fenótipos e nos legados de processos coloniais. Fazendo uma análise psicossociológica dos episódios de xenorracismo à luz da Análise Crítica do Discurso (ACD), conforme proposto por Fairclough (2013), é evidente que as instituições desempenham um papel crucial na formação das experiências de sociabilidade dos migrantes, influenciando e moldando suas vivências interculturais no Brasil.

A primeira esfera a ser abordada é o campo educacional no Brasil, onde a interação entre a diversidade cultural e as estruturas de poder pode, muitas vezes, resultar em situações de discriminação. Neste sentido, o participante revela: “Nas universidades, notei mais atitudes de xenofobia, como comentários pejorativos sobre a África e a minha origem, que às vezes eram disfarçados de ‘brincadeiras’ sobre a minha capacidade acadêmica ou de adaptação cultural” (Entrevistado Wole Soyinka, 2024, grifo nosso).

A fala de Wole Soyinka destaca a complexidade das experiências de xenorracismo vivenciadas em diferentes contextos sociais, especialmente nas universidades e em espaços públicos e comerciais. Sua observação sobre os comentários pejorativos disfarçados de ‘brincadeiras’ acerca de sua origem africana revela uma forma insidiosa de xenofobia que se manifesta em ambientes que deveriam ser de acolhimento e aprendizado. Essa dualidade – de ser alvo de comentários disfarçados em um contexto acadêmico, evidencia como o xenorracismo pode ser sutil, dependendo do ambiente. Em relato que reforça o xenorracismo no campo da educação superior brasileira, é narrado:

Passei por várias situações, sempre digo que eu tive consciência da minha negritude no Brasil. É nesses espaços de poder que fui ocupando que percebi, na época em que eu estava na universidade, na minha sala tinham duas pessoas negras. Uma delas não se identificava, então [...] No início, eu não compreendia aquelas situações (Entrevistado Amílcar Cabral, 2024).

A fala de Amílcar Cabral reflete uma profunda conscientização sobre a negritude em um contexto brasileiro que, frequentemente, marginaliza as vozes e as experiências de indivíduos negros. A frase ‘eu tive consciência da minha negritude no Brasil’, indica um processo de auto identificação que se intensifica em espaços que historicamente são dominados por grupos racialmente privilegiados. Tal vivência é reforçada pela afirmação do participante no sentido de que, em sua sala de aula, apenas duas pessoas negras estavam presentes. Essa consciência muitas vezes surge em ambientes que perpetuam desigualdades raciais, como as universidades brasileiras, nas quais historicamente a representação negra é escassa, segundo Nascimento (2016).

Estudos como o de Méndez-Fierros e Astudillo (2023) corroboram essa perspectiva, indicando que a discriminação frequentemente se manifesta de forma mais intensa em indivíduos que pertencem a grupos racializados. Isso ilustra que o xenorracismo não é apenas uma experiência isolada, mas uma forma de opressão que se integra ao cotidiano dos migrantes africanos, levando a situações de marginalização e exclusão social no contexto brasileiro.

A dificuldade de inserção acadêmica também é evidente. Um relatório da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN) (2021) mostra que os migrantes africanos enfrentam uma taxa de evasão acadêmica de 30%, em comparação a 18% de migrantes de outras regiões, devido a dificuldades de adaptação cultural e discriminação dentro das instituições educacionais. Essa disparidade destaca como o processo migratório impacta negativamente a vida acadêmica e profissional de migrantes africanos.

Segundo Santos (1983), na história da comunidade afrodescendente no Brasil a tomada de consciência da negritude, pode ser catalisada por experiências de discriminação. Para a autora, a experiência de racismo pode agir como ponto de partida para a resistência e a luta por visibilidade e inclusão. Neste sentido, a conceituação e análise da autora podem ser ilustrada pelos migrantes africanos(as). Cabe ressaltar que, atualmente, movimentos de migrantes africanos(as) lutam por uma diversificação de identidade que transcende a categorização simplista de afrodescendentes. Essa luta é fundamentada na compreensão de que as experiências de migrantes africanos(as) no Brasil não são equivalentes às vivências de pessoas negras

brasileiras. Os migrantes frequentemente enfrentam um conjunto específico de desafios que são moldados por suas origens nacionais, culturas e contextos sociais distintos.

O discurso generalista que tende a englobar todos aqueles que apresentam características fenotípicas afrodescendentes pode esconder as particularidades e vivências únicas de cada grupo. Embora todos compartilhem uma ancestralidade africana, as especificidades culturais, históricas e sociais de cada nação desempenham um papel crucial na formação da identidade e nas experiências de vida no novo contexto, como os relatos dos participantes neste estudo trazem como um resultado deste contexto intercultural.

No autorrelato dos participantes, outra instituição social em que o xenorracismo se apresentou é o campo de trabalho, como relata Aminata Touré:

Já passei por situações de xenofobia aqui no Brasil, e percebo que muitas vezes ela se mistura com o racismo. Na verdade, é como se as duas coisas andassem de mãos dadas, especialmente por eu ser uma mulher negra e africana. Um exemplo que me marcou foi quando fui a uma entrevista de emprego para uma vaga na área de comunicação. Durante a entrevista, o recrutador fez uma série de perguntas estranhas, como se questionasse minha capacidade de me expressar em português, mesmo sabendo que venho de um país onde essa é a língua oficial. Ele também fez comentários sobre meu sotaque, como se isso fosse um defeito, e deu a entender que eu não me encaixaria bem na 'cultura' da empresa (Entrevistada Aminata Touré, 2024, grifo nosso).

O relato de Aminata Touré ilustra uma visão impactante sobre como o xenorracismo afeta a vivência intercultural dos migrantes africanos no Brasil. Ao descrever sua experiência em uma entrevista de emprego, evidencia como as expectativas sobre a linguagem e a cultura são influenciadas por estereótipos raciais. A sua fala revela um padrão de discriminação que vai além da simples questão de ser uma mulher migrante; ela enfrenta um viés que é intensificado por sua negritude e origem africana. As perguntas estranhas feitas pelo recrutador, que questionam sua capacidade de se expressar em português, refletem uma percepção errônea e preconceituosa de que um sotaque ou uma origem africana indicam inferioridade ou falta de competência.

A questão do idioma e do sotaque como marcadores identitários transnacionais é fundamental para entender as experiências de migração contemporânea. A glotofobia refere-se à discriminação ou preconceito baseado no sotaque, na forma de falar ou na língua que uma pessoa utiliza, conforme destacado por Barrett et al. (2022). Esse fenômeno é particularmente relevante em sociedades multiculturais e multilíngues, onde diferentes variedades linguísticas podem estar associadas a estigmas sociais, como é o caso do português com sotaques de nações africanas.

A glotofobia se entrelaça com questões de classe, raça e origem étnica, refletindo como as normas linguísticas são frequentemente utilizadas como uma forma de controle social e exclusão. Por exemplo, o sotaque francês, assim como o de países desenvolvidos é frequentemente visto como uma característica positiva e reforçada como um marcador de ascensão social e prestígio cultural. Estudos internacionais, como os realizados por Barrett et al. (2012), evidenciam que, no contexto estadunidense, mesmo migrantes que possuem um alto nível de proficiência em inglês enfrentam discriminação devido ao sotaque. Essa pesquisa revela que o sotaque é muitas vezes percebido como um indicativo de inferioridade ou falta de competência, levando a desconfiança e estigmatização por parte da sociedade receptora.

Segundo Bourdieu (1991), a relação entre linguagem e poder revela que as práticas linguísticas não são apenas formas de comunicação, mas também expressões de relações sociais e hierarquias culturais que perpetuam a exclusão. Essa compreensão é essencial para desvendar as complexidades do processo migratório. Como discute Elhajji (2023), o processo migratório envolve diferentes etapas atravessadas por fatores subjetivos, econômicos, de classe e políticos, entre outros; que influenciam tanto a decisão de deixar o local de origem quanto o percurso até o destino, além da chegada, inserção e reconstrução da vida no novo território.

Cada fase envolve desafios específicos, desde os fatores que motivam a migração até a adaptação ao novo contexto social, cultural e econômico relatado nos resultados deste estudo. Neste sentido, as narrativas dos participantes destacam as realidades enfrentadas em contextos desafiadores, ressoando como um viés colonial. No cenário brasileiro, por exemplo, o sotaque francês ou inglês frequentemente é valorizado, funcionando como um marcador de origem transnacional associado a nações desenvolvidas. Em contrapartida, outros sotaques, especialmente os de migrantes africanos, são deslegitimados e estigmatizados, refletindo desigualdades estruturais no reconhecimento e na valorização das identidades linguísticas.

Analisando os comentários da participante Aminata Touré, sobre a alegação do recrutador de que ela não se encaixava na "cultura" da empresa, eles evidenciam como a construção social da cultura está muitas vezes

vinculada a um ideal de homogeneidade que exclui diferenças raciais e nacionais. Isso se alinha à teoria da interseccionalidade de Crenshaw (1992), que destaca como diferentes formas de discriminação se cruzam e se amplificam. O caso de Aminata Touré não é isolado: o relatório de 2022 da Organização Internacional do Trabalho (OIT) aponta que mulheres migrantes frequentemente enfrentam barreiras adicionais, resultando em uma maior vulnerabilidade ao desemprego e à sub-representação em posições de liderança (Organização Internacional do Trabalho [OIT], 2022).

O relatório destaca que a região da América Latina e Caribe enfrenta um mercado de trabalho altamente complexo e incerto para migrantes, resultado de múltiplas crises que impactam os mercados de trabalho para essas comunidades. Dentre os principais problemas abordados, destaca-se a qualidade do emprego e a insuficiência de renda gerada pelos trabalhadores e suas famílias. A OIT sugere que a necessidade de políticas que criem empregos formais é considerada urgente, já que a informalidade e a precariedade afetam uma grande parte da força de trabalho constituída por migrantes na região.

Esses desafios são particularmente significativos para grupos vulneráveis, incluindo migrantes e mulheres (como ilustra o relato de Aminata Touré), que frequentemente enfrentam discriminação e barreiras adicionais em seus esforços para integrar-se ao mercado de trabalho.

Assim, a experiência da participante não apenas ilustra a realidade do xenorracismo enfrentado por migrantes africanas, mas também ressalta a necessidade de um reconhecimento crítico das interseccionalidades que moldam essas vivências. A combinação de racismo e xenofobia em ambientes profissionais é evidenciada no relato de Yvette Umuhoza, cuja posição não é a de funcionária, mas dona de uma empresa:

Uma coisa que percebo sempre é que as pessoas na loja sempre pensam que sou a vendedora e nunca que sou a dona, às vezes pedem para chamar a dona da loja para pedir um desconto para revenda, e eu falo que sou eu. Muitas ficam: 'nossa é sério?'. Muitas vezes o que percebo é que no Brasil a cor da pele diz se você é pobre ou não (Entrevistada Yvette Umuhoza, 2024).

A fala de Yvette Umuhoza ilustra uma realidade comum enfrentada por muitos migrantes e pessoas negras no Brasil, onde a percepção social e econômica frequentemente é influenciada pela cor da pele. O episódio relatado, em que os clientes a veem como vendedora e não como proprietária da loja, reflete uma estrutura social enraizada em estereótipos raciais e preconceitos.

A percepção da cor da pele e fenótipo afro como determinante da pobreza ecoa no mercado de trabalho, tal como aponta a OIT (Organização Internacional do Trabalho [OIT], 2022): a precariedade e a informalidade são realidades comuns para as pessoas negras e migrantes. Dados da OIT indicam que as mulheres, especialmente aquelas de origem africana, enfrentam barreiras significativas no mercado de trabalho, resultando em menos oportunidades de emprego formal e uma maior probabilidade de serem sub-representadas em cargos de liderança (Organização Internacional do Trabalho [OIT], 2022).

Outro campo em que experiências de xenorracismo emergiram no discurso dos participantes são o das relações interpessoais do dia a dia, como trata Yvette Umuhoza:

Eu tenho uma condição boa e frequento locais que dificilmente vejo outras pessoas negras, já teve situações de em lojas os seguranças ficam em cima achando que iria roubar algo. Nesse tempo aqui percebi que não importa as roupas ou joias você use, a cor da pele vai ser algo que vai te pôr em um local inferior (Entrevistada Yvette Umuhoza, 2024).

A experiência de Yvette Umuhoza ilustra como racismo se manifesta nas relações interpessoais cotidianas. Sua observação de que, independentemente do seu status financeiro ou aparência, a cor da pele continua a ser um fator determinante para como é percebida pelos outros, destaca um problema social enraizado. A interseção entre raça e classe é um tema amplamente explorado na literatura acadêmica. Teóricos como o histórico militante Abdias do Nascimento (2016), apontam que a condição socioeconômica de pobreza é uma herança escravagista em que os fluxos migratórios têm fator importante e ressoam até o tempo contemporâneo.

Essa disparidade na distribuição de recursos e oportunidades não apenas perpetua a desigualdade racial, mas também contrasta com a frequentemente promovida de um Brasil que seria plural e inclusivo. Acerca disso, revelando como os fluxos migratórios têm papel fundamental na construção de um cenário psicossocial, os dados deste estudo trazem uma ressonância desta estrutura histórica: mesmo que uma migrante negra e bem sucedida vá a uma loja de luxo, ela será percebida como uma pessoa pobre, sem condições de comprar e que possivelmente irá roubar.

Esse contexto revela que o Brasil, longe de ser uma verdadeira democracia racial, apresenta uma hierarquia racial profundamente enraizada, que continua a impactar as relações sociais, a distribuição de bens e oportunidades. Essa percepção negativa se estende para esferas do cotidiano, resultando em experiências de marginalização, como as relatadas por Yvette. A experiência de Yvette não é um caso isolado, mas uma representação de um padrão mais amplo de discriminação que se entrelaça com as dinâmicas sociais de raça e classe dos migrantes africanos, revelando como o fenótipo afro opera no racismo nas relações psicossociais. É interessante perceber que, nas narrativas dos migrantes entrevistados, a fala se torna um marcador identitário importante, que intersecciona com a raça, como corrobora outra narrativa experienciada por Djaima Almeida:

No transporte público por exemplo, quando peço uma informação, e percebem meu sotaque, ouço comentários de algumas pessoas sobre ‘como os imigrantes estão tomando os empregos dos brasileiros’, e me fez sentir extremamente desconfortável. Eles começaram a falar mais alto, como se quisessem que eu ouvisse, às vezes perguntam por que vim para o país, insinuando que estávamos aqui para ‘aproveitar do país’ ou que éramos ‘diferentes’ (Entrevistada Djaima Almeida, 2024, grifo nosso).

A narrativa de Djaima Almeida – na qual ela é vista como uma ‘invasora’ que ‘toma empregos’ – é um eco de discursos xenofóbicos que não apenas deslegitimam a presença de migrantes, mas também reforçam estigmas raciais. A percepção de que migrantes, especialmente os de pele negra ou de origem não europeia, estão ‘tomando empregos’ ou ‘aproveitando-se’ das oportunidades oferecidas por países ocidentais tem contribuído para o fortalecimento de movimentos políticos de extrema direita.

No contexto brasileiro, o fortalecimento de movimentos políticos de extrema direita e a xenofobia têm se manifestado de maneira preocupante, especialmente em relação a imigrantes de países vizinhos, como Venezuela e Haiti e de outras nações africanas. A retórica anti-imigração tem crescido nos últimos anos, exacerbada por crises econômicas e sociais que geram medo e desconfiança entre a população. Isso não só compromete a integração e a coesão social, mas também perpetua a desigualdade e a discriminação racial no contexto das migrações Sul-Sul.

Logo, as experiências de Djaima revelam uma intersecção de xenofobia que se entrelaça nas categorias de trabalho e classe socioeconômica, cuja generalização reitera a necessidade de abordar esses temas de forma crítica e integrada. Essa situação revela ser essencial não olhar o xenoracismo como simplesmente uma junção de categorias e preconceitos – isto é, como a simples junção de racismo e xenofobia – mas considerar também como as estruturas raciais são tensionadas pela classe. Isso fica ilustrado no relato a seguir:

Então, esse é o problema: acham que estamos aqui para roubar o trabalho dos outros e dizem que devemos voltar para a África e tudo mais [...]. Além disso, há um desconhecimento gigantesco sobre o próprio tema da imigração. Existem muito mais brasileiros imigrantes vivendo fora do Brasil do que imigrantes de outros países aqui no Brasil, mas as pessoas não entendem isso e acham que estamos aqui para roubar empregos (Entrevistado Amílcar Cabral, 2024).

A fala de Amílcar Cabral reflete a percepção de que os migrantes estão ‘roubando’ empregos de brasileiros, um estereótipo enraizado, frequentemente alimentado por uma falta de compreensão sobre a dinâmica da migração e a realidade do mercado de trabalho. Como relata o Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra) (2022), o Brasil é um país que, em números totais, tem uma população migrante muito pequena, contrastando com o significativo número de cidadãos brasileiros que vivem no exterior, tendo migrado para diversas partes do mundo em busca de melhores oportunidades.

Segundo dados de 2023 do Ministério das Relações Exteriores, a comunidade brasileira no exterior representa cerca de 4.996.951 mil pessoas (Brasil, 2023). Em contrapartida, atualmente o Brasil se caracteriza como um país de trânsito, onde migrantes buscam pedir refúgio e, com a naturalização brasileira, conseguem acesso mais fácil a outras nações do Norte Global. O Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra) destaca que muitos refugiados estão utilizando o Brasil como um ponto de partida para alcançar outros países, refletindo a complexidade das dinâmicas migratórias contemporâneas (Observatório das Migrações Internacionais [OBMigra], 2022).

O Brasil tem enfrentado desafios significativos em relação à sua política de acolhimento, especialmente com a criação de portarias que restringem o pedido de refúgio para cidadãos de cerca de 70 nações. Essas restrições suscitaram debates intensos sobre os direitos humanos e o comprometimento do país com as convenções internacionais que protegem refugiados. Em 2024, o caso de Evans Osei Wusu, migrante de Gana, destacou a gravidade da situação: Evans morreu após passar mais de três dias detido no Aeroporto de Guarulhos, na Grande São Paulo, enquanto aguardava seu pedido de refúgio (Rosário, 2024); ele buscava, na verdade, chegar ao México,

de onde havia sido deportado, para realizar uma cirurgia na coluna. A tragédia trouxe à tona a urgência de revisar políticas migratórias e garantias de direitos para migrantes e refugiados no Brasil.

Na análise dos discursos surgiu a intersecção entre xenorracismo, gênero e glotofobia exposto por Djaima Almeida:

O fato de ser mulher africana faz também eu perceber uma questão de machismo, eu evito locais lotados como transporte público e festas. Já teve situações que percebi que homem por eu ser negra virem falar por achar que mulher negra é mais fácil, quando falo e percebem que não tenho o sotaque brasileiro, eles jogam piadas e indiretas como se eu fizesse programa. é como se pelo fato de eu ser uma migrante negra eu esteja em situação de pobreza e vá aceitar qualquer proposta de dinheiro por sexo (Entrevistada Djaima Almeida, 2024).

A fala de Djaima Almeida explicita a intersecção de várias formas de discriminação que as mulheres migrantes africanas enfrentam no Brasil, com raça, gênero e glotofobia se entrelaçando para formar uma experiência de vulnerabilidade e discriminação. Sua experiência destaca o machismo que permeia as interações sociais, especialmente em contextos onde a percepção de inferioridade associada à sua negritude e ao status de migrante contribui para estereótipos prejudiciais.

A menção ao medo de situações em ambientes lotados, como o transporte público, reflete a insegurança que muitas mulheres enfrentam e a necessidade de se comportar com cautela em um espaço que pode ser hostil. A situação de Djaima ecoa as observações de Hooks (2000), que discute como as mulheres negras frequentemente enfrentam a desumanização em um contexto que perpetua estereótipos negativos. Além disso, o estudo de Crenshaw (1992) sobre interseccionalidade é fundamental, pois ajuda a entender como as diferentes camadas de identidade – raça e gênero – se sobrepõem, amplificando as formas de opressão.

Seguindo a interseccionalidade de categorias identitárias, a narrativa de David Himbara também aborda essas interseções em relação à categoria de orientação sexual, como narra em sua percepção:

Uma vez, em uma balada gay, quando comecei a conversar com algumas pessoas sobre minha vida, um dos caras fez um comentário, meio brincando, meio sério, sobre como ‘gringos gays’ vinham para o Brasil em busca de aventuras. O jeito que ele disse aquilo me fez sentir tão pequeno. Não era uma brincadeira era uma forma de me reduzir a um estereótipo, mas quando é um gringo branco e europeu ou americano é até disputado, o gay negro só é visto como um corpo para sexo na comunidade gay (Entrevistado David Himbara, 2024, grifo nosso).

A fala de David Himbara ilustra a complexa intersecção entre raça e sexualidade, destacando como a identidade de indivíduos negros, especialmente homens gays, pode ser reduzida a estereótipos que os objetificam. Esse exemplo é especialmente relevante em contextos em que a hipersexualização de corpos negros é predominante, resultando em uma percepção distorcida de suas identidades e experiências.

A hipersexualização de homens negros é um tema amplamente discutido na literatura acadêmica. Segundo Collins (2004), a comunicação reforça as representações midiáticas e sociais que perpetuam imagens estereotipadas que associam homens negros à sexualidade exacerbada, levando a uma objetificação que pode afetar sua autoestima e suas relações sociais. O conceito de interseccionalidade desenvolvido por Crenshaw (1992), é crucial para entender as experiências de David. A interseccionalidade revela que as opressões não ocorrem de forma isolada; em vez disso, elas se entrelaçam, afetando a vida dos indivíduos de maneiras multifacetadas. No caso de David, sua identidade como homem gay e negro é marcada por múltiplas formas de discriminação e preconceito, criando um espaço social onde ele é visto de forma reducionista e estigmatizada.

Essa dinâmica também se reflete nas práticas sociais da comunidade Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexuais e Assexuais (LGBTQIA+). Embora essa comunidade tenha lutado por inclusão e aceitação, ainda existem barreiras significativas que precisam ser abordadas, especialmente a inclusão de pessoas de diferentes etnias e origens transnacionais. O comentário feito por outro frequentador da balada gay sobre ‘gringos gays’ vindo ao Brasil para ‘aventuras’ não é apenas uma piada de mau gosto; é um reflexo das tensões raciais e sexuais que permeiam, historicamente, o contexto psicossocial do Brasil. Essa redução da identidade se dá em um contexto onde homens brancos migrantes, por sua vez, são candidatos desejáveis. Ilustrando novamente um traço de colonialidade no desejo por relacionamentos com migrantes de países desenvolvidos.

Dessa forma, a análise psicossociológica crítica dos discursos dos migrantes africanos(as) no Brasil, sob a lente da ACD de Fairclough (2013), revela a complexa intersecção entre xenorracismo e outros marcadores identitários. As percepções e vivências dos participantes evidenciam como as relações de poder se manifestam nas interações sociais, perpetuando formas de exclusão e resistência. Ao compreender essas

dinâmicas, é possível identificar os desafios enfrentados por essas comunidades e as estratégias que utilizam para ressignificar suas identidades e buscar maior integração no contexto brasileiro.

### Considerações finais

Este estudo buscou compreender as dinâmicas interculturais do xenorracismo e suas interseccionalidades em relação aos marcadores identitários nas narrativas de migrantes africanos(as) no Brasil. As análises realizadas mostraram que as experiências de xenorracismo, conforme abordadas por autores como Sivanandan (1976), Faustino e Oliveira (2022) e Méndez-Fierros e Astudillo (2023), são moldadas por um entrelaçamento complexo de marcadores identitários. Esses marcadores incluem gênero, orientação sexual, nacionalidade, língua e classe social, resultando em formas multifacetadas de discriminação e reverberando em uma estrutura colonial.

Acerca disto, nos resultados é apresentado e discutido como as experiências de xenorracismo se interseccionam com categorias como gênero, classe, língua e sexualidade no contexto de instituições psicossociais como educação, trabalho, bem como nas relações interpessoais cotidianas. Por meio de uma análise psicossociológica, a pesquisa se propôs a explorar as múltiplas facetas das identidades migrantes, ressaltando a necessidade de uma abordagem interseccional e crítica. Desta forma, discute-se como tais experiências ilustram os desafios impostos pelas barreiras estruturais do xenorracismo à diáspora africana na contemporaneidade e no contexto da migração de países do Sul Global.

Os resultados desta pesquisa contribuem para o debate científico, ao evidenciar que a compreensão das múltiplas camadas identitárias presentes nos fluxos migratórios contemporâneos não seguem um caminho linear. É essencial adotar um prisma analítico interseccional, considerando a complexidade das experiências de cada migrante, englobando seus marcadores identitários e subjetividades. Com isso, atores sociais, trabalhadores e formuladores de políticas migratórias podem estruturar instituições de acolhimento e cuidado, tais como as instituições de saúde para essa comunidade.

Acerca disso, este estudo reconhece e ressalta seus limites metodológicos, alinhados ao objetivo de não generalização, mas sim de ilustrar e compreender processos interculturais a partir das narrativas dos participantes. Sendo assim, é importante frisar que os resultados apresentados refletem experiências individuais e subjetivas, não representando a totalidade das vivências de migrantes africanos(as) no Brasil. Portanto, indica-se que futuros estudos contemplem amostras mais amplas e diversificadas, abrangendo diferentes regiões do país, para proporcionar uma visão mais abrangente e profunda das experiências dessa comunidade no contexto brasileiro.

Assim, este estudo reforça a importância de uma abordagem crítica e interseccional em pesquisas sobre migração. Considerar as múltiplas realidades dos migrantes africanos(as) no Brasil é imperativo para dismantelar estruturas de poder excludentes e promover uma sociedade mais justa. As conclusões demonstram que o xenorracismo atravessa as experiências da diáspora africana, mas também configuram um apelo por ações efetivas. Portanto, ressaltam a necessidade de transformar as estruturas sociais e de promover a inclusão de forma ampla e sistemática, tanto em diferentes instituições em que tais migrantes se inserem, quanto na formulação de políticas públicas voltadas a essa comunidade.

### Agradecimentos

Este trabalho foi realizado com apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) - Código de Financiamento 001.

### Referências

- Associação Brasileira de Pesquisadores Negros. (2021). *Evasão acadêmica e desafios de inclusão para estudantes migrantes africanos no Brasil*. ABPN.
- Nascimento, A. (2016). Discriminação: realidade racial. In A. Nascimento, *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado* (Cap. 7, pp. 82-88). Editora Perspectiva S.A.
- Elhajji, M. (2023). Percursos migratórios. In M. Elhajji, *O intercultural migrante: teorias & análises* (Cap.1, pp. 27-58). Editora Fi. DOI: <https://doi.org/10.22350/9786559176830>
- Barrett, R., Cramer, J., & McGowan, K. (2022). Language, categorization, and social identities. In R. Lippi-Green, *English with an accent: language, ideology, and discrimination in the United States* (Cap. 2, pp. 20-42). Routledge.

- Bourdieu, P. (1991). On symbolic power. In P. Bourdieu, *Language and symbolic power* (Cap.7, pp. 163-171). Harvard University Press.
- Brasil. Ministério das Relações Exteriores. (2023). *Comunidades brasileiras no exterior - estatísticas 2023*. <https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/portal-consular/comunidades-brasileiras-no-exterior-estatisticas-2023>
- Collins, P. H. (2004). Why black sexual politics? In P. H. Collins, *Black sexual politics: african americans, gender, and the new racism* (Cap. 1, pp. 5-31). Routledge.
- Crenshaw, K. (1992). Race, gender, and sexual harassment. *Southern California Law Review*, 65(1), 1467-1476.
- Fairclough, N. (2013). Section A: language, ideology and power. In N. Fairclough, *Critical discourse analysis: the critical study of language* (pp. 23-69). Routledge.
- Faustino, M., & Oliveira, M. (2022). Xenophobia ou xenofobia racializada? Problematizando a hospitalidade seletiva aos estrangeiros no Brasil. *REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, 29(63), 193-210. <https://doi.org/10.1590/1980-85852503880006312>
- Gil, A. (2008). Métodos das ciências sociais. In A. Gil, *Métodos e técnicas de pesquisa social* (Cap. 2, pp. 29-42). Editora Atlas.
- Hooks, B. (2000). Feminism and class power. In B. Hooks, *Where we stand: class matters* (Cap. 11, pp. 105-150). Routledge.
- Méndez-Fierros, H., & Astudillo, R. (2023). Representaciones sociales de racismo y exclusión social: migraciones haitianas contemporáneas en América Latina. *REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, 31(1), 161-176. <https://doi.org/10.1590/1980-85852503880006710>
- Nascimento, A. (2016). O embranquecimento da raça: uma estratégia de genocídio In A. Nascimento, *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado* (pp. 69-78). Editora Perspectiva.
- Observatório das Migrações Internacionais. (2020). *Relatório Anual 2020: Migração Internacional no Brasil*. Ministério da Justiça e Segurança Pública. <http://obmigra.mj.gov.br>
- Observatório das Migrações Internacionais. (2022). *Migrações internacionais e mobilidade no Brasil: desafios e oportunidades*. Ministério da Justiça e Segurança Pública.
- Organização Internacional do Trabalho. (2022). *Labour overview of Latin America and the Caribbean*. OIT. <https://www.ilo.org/publications/2022-labour-overview-latin-america-and-caribbean>
- Parker, C., Scott, S., & Geddes, A. (2019). *Snowball sampling*. SAGE Publications.
- Patarra, N., & Fernandes, D. (2011). Brasil: país de imigração. *Revista Internacional em Língua Portuguesa: Migrações*, 3(24), 65-96.
- Rosário, M. (2024, 4 de novembro). Imigrante morre após passar mal no Aeroporto de Guarulhos. *O Globo*. <https://oglobo.globo.com/brasil/sao-paulo/noticia/2024/09/04/imigrante-morre-apos-passar-mal-no-aeroporto-de-guarulhos.ghtml>
- Santos, N. (1983). Antecedentes históricos. In N. S. Souza, *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social* (pp. 10-35). Edições Graal.
- Sivanandan, A. (1976). Race, class and the state: the black experience in Britain: for Wesley Dick - poet and prisoner in some answer to his questions. *Race & Class*, 17(4), 347-368. <https://doi.org/10.1177/030639687601700401>
- Seyferth, G. (2002). Colonização, imigração e a questão racial no Brasil. *Revista USP*, 1(53), 117-149. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i53p117-149>